

**VII Congresso Latino-Americano de Estudos do Trabalho.**

**O Trabalho no Século XXI.**

**Mudanças, Impactos e Perspectivas.**

**GT 18 – Psicologia Social del Trabajo en América Latina: identidades y procesos de subjetivación, salud de los trabajadores, prácticas y producción de sentidos en lo cotidiano.**

**Título: Trabalho, Alienação e Subjetividade: considerações iniciais a partir das formulações de Marx e Mészáros.**

**Autor: Caio Antunes.**

**Trabalho, Alienação e Subjetividade:**  
**considerações iniciais a partir das formulações de Marx e Mészáros.**

**Resumo:** O fato de o ser humano ter de trabalhar para manter-se *vivo* de forma alguma predefine ou predetermina a *maneira* como se deve organizar e realizar esta manutenção, ou seja, se ao final do processo de trabalho o objeto produzido não mais pertence ao ser humano que o produziu, que o objetivou, isto decorre de características *específicas* da forma como se organiza e se realiza o trabalho num dado momento *histórico*. Deste modo, se o processo de alienação é algo que se dirige ao trabalho, e este configura uma espécie de base de toda a práxis social dos seres humanos, logo, a alienação afeta, em maior ou menor grau, todas as esferas da vida cotidiana dos seres humanos, desde seus aspectos mais coletivos até os mais privados, desde os aspectos mais objetivos até os mais subjetivos.

**Trabalho, Alienação e Subjetividade:  
considerações iniciais a partir das formulações de Marx e Mészáros.**

Se, conforme nos indicam Marx e Engels, o “pressuposto de toda a história humana é, naturalmente, a existência de indivíduos humanos vivos” (Marx e Engels, 2007, p.87), este pressuposto não é “a existência de indivíduos humanos vivos” *alienados*.

Isto significa que o trabalho “é indispensável à existência do homem – quaisquer que sejam as formas de sociedade – é necessidade natural e eterna de efetivar o intercâmbio material entre o homem e a natureza, e, portanto, de manter a vida humana” (Marx, 1971, p.50). Mas significa também que as “ações humanas não são inteligíveis fora de sua moldura sócio-histórica” (Mészáros, 2006, p.111).

O fato de o ser humano ter de manter-se *vivo* de forma alguma predefine ou predetermina a *maneira* como se organiza e realiza esta manutenção. Tornemos isto um pouco mais articulado. Ao final do processo de trabalho materializa-se algo. Ou seja: o resultado do processo de trabalho – “resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador (Marx, 1971, p.202)” – é um objeto. Este processo de *objetivação da subjetividade do trabalhador* por meio do trabalho constitui algo ineliminável do processo de trabalho *em si*, e é exatamente destas objetivações – de alimentos a obras de arte – que sobrevive, dia após dia, a totalidade dos seres humanos.

Agora, se ao final do processo de trabalho o objeto produzido não mais pertence ao ser humano que o produziu, que o objetivou, isto é, dele se *aliena*, pertence a um *outro* ser humano, isto decorre de características *específicas* da forma como se organiza e se realiza o trabalho num dado momento *histórico*.

Mas se o trabalhado “é indispensável à existência” dos seres humanos, em “quaisquer que sejam as formas de sociedade”, o que acontece, pois, ao ser humano que trabalha se este é de seu trabalho separado? A resposta é que

o objeto (*Gegenstand*) que o trabalho produz, o seu produto, se lhe defronta como um *ser estranho*, como um *poder independente* do produtor. O produto do trabalho é o trabalho que se fixou num objeto, fez-se coisal

(*sachlich*), é a *objetivação* (*Vergegenständlichung*) do trabalho. A efetivação (*Verwirklichung*) do trabalho é a sua objetivação. Esta efetivação do trabalho aparece ao estado nacional-econômico como *desefetivação* (*Entwirklichung*) do trabalhador, a objetivação como *perda do objeto* e *servidão ao objeto*, a apropriação como *estranhamento* (*Entfremdung*), como *alienação* (*Entäusserung*) (Marx 2004, p.80).

Isto que Marx aqui chama de “perda do objeto e servidão ao objeto” é o fator imediatamente perceptível do processo de alienação do trabalho, expresso na constatação *prática* de que o produto do trabalho *não pertence* àquele que o objetivou, *não pertence ao trabalhador*, e, por conta disso, “a vida que ele [o trabalhador] concedeu ao objeto se lhe defronta hostil e estranha” (Marx, 2004, p.80).

Ao objetivar sua subjetividade por meio do trabalho alienado, então, o trabalhador não se depara com a natureza por ele humanizada, por ele feita humana, mas sim, feito *coisa*, como *coisa* é confrontado, inclusive numa relação de inferioridade, por uma outra *coisa*.

Assim, se o “objeto que o trabalho produz, o seu produto, se lhe defronta como um *ser estranho*, como um *poder independente* do produtor” – o que significa, além e por conta do caráter alienado da relação que aí se estabelece, que o trabalhador não se reconhece naquilo que é o objeto de seu trabalho – isto decorre do fato de o ser humano já não se reconhecer no ato mesmo da produção.

Estes dois elementos constituintes da alienação – em relação ao objeto do trabalho (que é simultaneamente sua alienação em relação ao mundo exterior, em relação à *natureza*) e já no ato da produção (que é simultaneamente a alienação em relação a sua atividade vital, isto é, sua alienação em relação a *si mesmo*) – desdobram-se ainda em dois outros importantes aspectos.

O primeiro deles é que o ser humano é alienado de seu “ser genérico (*Gattungswesen*)” (Marx, 2004, p.83), o que significa que ele não se reconhece como membro de uma espécie, uma vez que ele não se reconhece em seu trabalho, exatamente naquilo que faz dele um ser humano e, portanto, o distingue das outras espécies de animais.

Assim, sob o trabalho alienado, a vida genérica do ser humano lhe é feita “apenas um meio da vida individual” (Marx, 2004, p.84).

O segundo aspecto é que o ser humano é alienado dos outros seres humanos, pois ao relacionar-se de forma alienada com o resultado do seu trabalho, ele relaciona-se com o produto do seu trabalho (ou seja, relaciona-se consigo próprio na forma de um objeto) como com um outro ser humano diferente dele, hostil a ele.

Daqui depreendemos, então, que “o trabalhador encerra a sua vida no objeto; mas agora ela não pertence mais a ele, mas sim ao objeto” (Marx, 2004, p.81). Ou ainda, se preferirmos as palavras do “velho Marx”: “o trabalhador não produz para si, mas para o capital (...), servindo assim à auto-expansão do capital” (Marx, 1971b, p.584).

As manifestações, tanto de ordem objetiva quanto subjetiva, da autoalienação do trabalho ficam ainda mais evidentes nas duras palavras de Marx:

Chega-se, por conseguinte, ao resultado de que o homem (o trabalhador) só se sente como [ser] livre e ativo em suas funções animais, comer, beber e procriar, quando muito ainda habitação, adornos etc., e em suas funções humanas só [se sente] como animal. O animal se torna humano, e o humano, animal. Comer, beber e procriar etc., são também, é verdade, funções genuína[mente] humanas. Porém na abstração que as separa da esfera restante da atividade humana, e faz delas finalidades últimas e exclusivas, são funções [animais] (Marx, 2004, p.83).

Mas um processo de desumanização – prática e potencial, objetivo e subjetivo – do ser humano de tal envergadura pressupõe, dentre muitas outras coisas, um amplo e intenso processo de reificação já devidamente instituído e consolidado, uma vez que é tão somente por meio da reificação – a transformação de tudo e todos em coisas – que se torna possível a universalização da alienação – “o ato de vender constitui a práxis da alienação” (Marx, 2010, p.59).

Se a alienação precisa já partir de um intenso processo de reificação, de transformação de tudo e todos em coisas, seu necessário resultado é uma brutal intensificação do próprio processo de reificação, e três são as razões para tanto.

A primeira é que o objeto que o trabalho produz não reflete a *humanidade* de seu produtor, pelo contrário, impõe seu caráter de coisa, sua *coisidade*, ao ser *humano* que o objetivou.

A segunda razão é que o ser humano somente é conservado, sua existência somente é mantida, na estrita medida do necessário para que continue vivo para trabalhar no dia seguinte.

A terceira razão da intensificação da reificação parte da relação entre as esferas da produção e do consumo (obviamente em seus sentidos amplos) são esferas dialeticamente articuladas e que, portanto, “quanto mais limitada a gama [de produtos], mais pobre será a intensidade da satisfação [,do consumo], o que por sua vez resulta num novo estreitamento da gama” (Mészáros, 2006, p.190).

Deste modo, se o processo de alienação é algo que se dirige ao trabalho – e este configura o “modelo de toda práxis social”(Lukács, 2004, p.62), “base dinâmico-estruturante de um novo tipo de ser” (Lukács, 2007, p.228) – logo, a alienação afeta, em maior ou menor grau, todas as esferas da vida cotidiana dos seres humanos, desde seus aspectos mais coletivos até os mais privados<sup>1</sup>.

Se,então, a busca por uma “uma vida cheia de sentido *fora* do trabalho supõe uma vida dotada de sentido *dentro* do trabalho” (Antunes, 2000, p.174), este é “*trabalho dos indivíduos sociais conscientemente combinados como a condição universal da vida na ordem hegemônica alternativa*” (Mészáros, 2007, p.304). Pois “o indivíduo *é o ser social*. Sua manifestação de vida – mesmo que ela também não apareça na forma imediata de uma manifestação *comunitária* de vida, realizada simultaneamente com outros – *é*, por isso, uma externalização e confirmação da *vida social*. (Marx, 2004, p.107).

### Referências Bibliográficas

ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho: ensaios de afirmação e negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2000.

---

<sup>1</sup> Sobre formas de manifestação da alienação na esfera da vida privada – aspecto tão importante quanto negligenciado pelo próprio marxismo – sugerimos a leitura das inquietantes anotações marxianas acerca do *suicídio* (Marx, 2006a).

LUKÁCS, György. As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem. In: LUKÁCS, György. *O jovem Marx e outros escritos de filosofia*. Trad. Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007, p.225-245.

\_\_\_\_\_. *Ontología del ser social: el trabajo*. Trad. Antonino Infranca e Miguel Vedda. Buenos Aires: Herramienta, 2004.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

\_\_\_\_\_. *O capital: crítica da economia política*. Trad. Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Livro I, vol. I, 1971.

\_\_\_\_\_. *O capital: crítica da economia política*. Trad. Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Livro I, vol. II, 1971b.

\_\_\_\_\_. *Sobre a questão judaica*. Trad. Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl.; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845 – 1846)*. Trad. Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

MÉSZÁROS, István. *A teoria da alienação em Marx*. Trad. Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2006.

\_\_\_\_\_. *O desafio e o fardo do tempo histórico: o socialismo no século XXI*. Trad. Ana Aguiar Cotrim e Vera Aguiar Cotrim. São Paulo: Boitempo, 2007.